

O centenário de um pensador "radical"

Em 22 de janeiro de 1891, na pequena cidade de Ale, perto de Cagliari, na Sardenha, nasceu Antônio Gramsci. Dentro de poucos dias, portanto, estaremos comemorando o centenário do grande pensador marxista italiano.

E curioso que seu nome seja visto hoje como símbolo de um marxismo "suavizado", "moderado" e até "reformista", quando na verdade Gramsci, no interior do Partido Socialista da Itália, se caracterizou por seu combate apaixonado à pretensa "moderação" e ao "reformismo" dos dirigentes. O Partido Socialista da Itália era um dos primeiros partidos de massa na história européia, era uma agremiação forte, com boa base operária; mas se tornou pesado, "mole", e um de seus críticos situados na época mais à esquerda - Benito Mussolini - chamou-o de "o Partidão".

Desde os tempos da adolescência, na Sardenha, Gramsci mostrou ser um "radical", no sentido que Marx dava a essa palavra ("ser radical significa tomar as coisas pela raiz"). No trabalho que apresentou ao professor quando concluiu o curso secundário, o aluno Gramsci dissertou sobre a Revolução Francesa, elogiou a combatividade dos jacobinos e justificou a execução dos contra-revolucionários. Estava convencido de que os detentores de grandes privilégios só cedem à ação dos que lutam por transformações sociais quando estes usam a força. E concluiu seu texto juvenil com a afirmação: "a humanidade anda precisando de outro banho de sangue como aquele".

Conseguiu uma bolsa de estudos, saiu da ilha (a Sardenha) e foi para o continente (mais precisamente para Torino, cidade industrial). Dividia seu tempo entre os estudos e a militância política no Partido Socialista. Viu de perto o agravamento da crise provocada pela guerra de 1914 a 1918: a economia italiana, inteiramente arrebatada, não tinha condições para absorver os soldados desmobilizados, que regressavam da frente de batalha esperando ser recebidos como heróis na realidade eram advertidos de que estavam desempregados.

Benito Mussolini (já então fora do Partido Socialista) fundou um movimento que aproveitava com habilidade a frustração desses ex-combatentes: o movimento fascista. Gramsci foi o primeiro teórico marxista a perceber a "novidade" do fascismo: viu nele uma iniciativa pela qual a direita tinha possibilidades de mobilizar uma base de massas. Além disso, num período em que todo mundo dizia que o fascismo era um fenômeno exclusivamente italiano, Gramsci se deu conta de que ele era a expressão pioneira de uma tendência que podia prevalecer em escala mundial.

Os trabalhadores italianos estavam profundamente insatisfeitos; e se dispunham a lutar com unhas e dentes contra os que os exploravam. Observando a situação, Gramsci previu, em maio de 1920: a fase histórica que a Itália estava vivendo se achava marcada por uma forte tensão, que ou abria caminho para uma revolução proletária ou então prenunciava uma enorme onda de repressão e o estabelecimento de uma ditadura reacionária.

Quando, em agosto-setembro de 1920, os operários de Torino dispensaram

os patrões e ocuparam as fábricas, Gramsci os apoiou com convicção. Sustentou que a fábrica era o "território nacional" da classe operária. Em seguida, contudo, o movimento foi isolado pela classe dominante e os trabalhadores foram derrotados. Gramsci começou a reconsiderar sua posição. Convenceu-se de que a classe operária só conseguiria fazer prevalecer a política que lhe convinha no plano nacional, envolvendo a sociedade como um todo, através de um partido adequado a seus desígnios, quer dizer, de um partido revolucionário.

O modelo desse partido, para Gramsci, já existia: era aquele que tinha sido criado por Lenin e graças ao qual o revolucionário russo tinha tomado o poder em Moscou e em Petrogrado.

Convertido ao leninismo, era natural que Gramsci participasse da fundação do Partido Comunista da Itália. Mas esse partido "radical", recém-fundado, ficou sob a liderança de uma personalidade carismática: Amadeo Bordiga.

Bordiga e Gramsci eram diferentes no estilo, no temperamento e sobretudo nas convicções filosóficas e nas avaliações políticas. Em março de 1922, Bordiga assegurou que não havia risco de golpe; no entanto, em outubro do mesmo ano, veio o golpe fascista e Mussolini assumiu o poder. Bordiga insistiu: não tinha havido nenhuma mudança significativa, já que tanto o gabinete hegemônico pelos fascistas como o gabinete liberal anterior eram expressões da mesma burguesia, que continuava controlando o Estado.

Bordiga era, filosoficamente, um materialista vulgar. Estava convencido de que o homem é aquilo que ele come. Dizia que, se soubesse o que um ser humano comeu no almoço antes de uma reunião política, poderia prever as posições que ele assumiria nas discussões: quem almoça

Ele foi o primeiro teórico marxista a perceber a "novidade" do fascismo: viu nele uma iniciativa pela qual a direita tinha possibilidades de mobilizar uma base de massa.

feijão com arroz deve estar sempre à esquerda de quem come *filet mignon*...

Gramsci, pensador dialético, atento à complexidade das contradições, sabia que essas formulações simplistas não correspondiam à realidade. Mas quem liderava o PCI era Bordiga, e não ele.

Só em janeiro de 1926, num congresso clandestino, realizado na França, é que Gramsci veio a se tornar efetivamente o principal dirigente do seu partido. Porém já era tarde: a ditadura fascista estava consolidada. Mussolini tinha se firmado no poder. A linha política gramsciana, que talvez pudesse ter evitado a vitória do fascismo, não tinha como, naquele momento, derubar o ditador.

Gramsci era deputado e voltou à Itália para tentar atuar no Parlamento. Em novembro de 1926, contudo, Mussolini fechou o Congresso, suspendeu as imunidades parlamentares e mandou prender Gramsci.

Começaram, então, dez anos terríveis para o pensador marxista. O promotor do Estado fascista pediu que o cérebro daquele "subversivo" fosse impedido de funcionar durante pelo menos vinte



anos. Gramsci foi sendo sucessivamente transferido de uma prisão para outra. Aos olhos da opinião pública mundial, o ditador que o prendera era apresentado como o salvador da Itália; Winston Churchill, Rudyard Kipling, Pirandello, o futurista Marinetti e até o Mahatma Gandhi se declaravam admiradores de Mussolini. Enquanto isso, Gramsci, tuberculoso, cardíaco, hipertenso, ia morrendo aos poucos na cadeia.

Para retardar esse processo cruel de aniquilamento gradual, Gramsci escrevia, fazia anotações. Encheu, com letra miúda, vinte e nove cadernos. Empreendeu uma reflexão sobre a essência e a natureza do poder político. Uma reflexão crítica radical, isto é, que se dispunha a mergulhar na raiz da questão.

Enfrentou o desafio de pensar a fundo o problema filosófico crucial do poder: o da existência de governantes e governados. Sempre existirão dirigentes e dirigidos? Haverá sempre quem manda e quem obedece? E uma divi-

são "natural", ineliminável, entre os seres humanos? Ou podemos supor que algum dia essa divisão será superada?

Se estivermos convencidos de que essa divisão não é "natural" e sim "histórica", assumiremos o compromisso democrático de agir para acelerar, na medida das nossas possibilidades, a sua superação.

Gramsci procurou extrair todas as consequências de uma opção radical pela democracia no interior do marxismo e nas condições de sua época. Sustentou que os fenômenos do poder - como, aliás, todos os fenômenos humanos - precisavam ser pensados e compreendidos historicamente. Por isso, foi levado a conceber o marxismo como um "historicismo absoluto".

Apoiado numa concepção que se comprometia a compreender tudo "historicamente" (e que também estava obrigada a se ver como uma realidade "histórica", portanto sujeita a revisões necessárias), o marxista Gramsci

passou a examinar criticamente o Estado. O Estado, a seu ver, não podia ser "fetichizado"; não podia ser encarado como se correspondesse a uma "natureza humana" imutável. Era preciso analisá-lo no seu contexto histórico particular.

E assim como Marx rompeu com Hegel, no século de-

Acima de tudo, Gramsci queria que a classe operária se capacitasse para travar com êxito os combates reais que a história lhe impunha.

zenove, em torno da concepção do Estado, Gramsci no século vinte também se afastou de Lenin exatamente na abordagem do tema do Estado.

Como escreveu Carlos Nelson Coutinho - pioneiro da divulgação e principal intérprete do pensamento de Gramsci no Brasil - o teórico marxista italiano desenvolveu "uma concepção ampliada do Esta-

do". (Quem quiser ler mais sobre o assunto pode consultar o livro *Gramsci - um estudo sobre seu pensamento político*, de C. N. Coutinho, editora Campus).

Lenin fez a revolução numa sociedade de tipo "oriental": bastou-lhe assaltar os lugares de onde se exercia o poder e controlar o aparelho do Estado para dominar a sociedade como um todo. Lenin travou, por conseguinte, uma "guerra de movimentos". Nas sociedades de tipo "ocidental", entretanto, era preciso travar outra espécie de guerra: a "guerra de posições".

Claro que, para Gramsci, o historicista, "oriental" e "ocidental" não eram conceitos geográficos, mas históricos: tinham a ver com a criação histórica de condições nas quais os detentores do poder passavam a ser mais ou menos obrigados (ou não) a negociar com os "governados".

Nas condições históricas "orientais", basta recorrer à "coerção", o governo precisa se apoiar em um certo "consenso", numa certa "aceitação" por parte dos "dirigidos"; e para isso deve não só "comandar" como também "dirigir" (isto é, possuir a "hegemonia").

A preocupação central de Gramsci o ligava aos trabalhadores; ele queria, acima de tudo, que a classe operária se capacitasse para travar com êxito, com eficiência, os combates reais que a história lhe impunha. Não adiantava ficar repetindo métodos e fórmulas envelhecidas, não adiantava debater contra a burguesia ou vomitar um jargão inepto, cheio de palavras que parecem radicais, mas de fato são vazias. O verdadeiro radicalismo estava na capacidade de se renovar para enfrentar as novas tarefas, estava na invenção de uma nova linguagem (adequada às novas exigências de comunicação) e no encaminhamento de uma nova estratégia.

Esse exemplo de genuína radicalidade merece ser lembrado, no momento em que estamos nos preparando para comemorar o centenário do pensador italiano.

Indicações de Livros

Das anotações fragmentárias feitas por Gramsci nos seus *Cadernos do cárcere* existem no Brasil alguns volumes lançados pela editora Civilização Brasileira: *Concepção dialética da história, Maquiavel, a política e o estado moderno, Literatura e vida nacional, Os intelectuais e a organização da cultura*.

Pela mesma editora Civilização Brasileira saiu também uma coletânea da correspondência escrita por Gramsci na prisão: *Cartas do cárcere*.

Também estão disponíveis para os leitores brasileiros duas boas biografias do nosso autor: *Vida de Gramsci*, de Giuseppe Fiori, ed. Paz e Terra; e *Antonio Gramsci*, de Laurana Lajolo, ed. Brasiliense. A primeira é a mais antiga, pioneira, abrangente e sólida; a segunda, mais recente, sublinha o drama vivido por Gramsci na cadeia quando se viu discriminado até por companheiros de seu partido.

Quanto aos estudos sobre Gramsci, são numerosíssimos. A produção ensaística brasileira dedicada ao autor italiano tem acompanhado um movimento mundial, que manifesta evidente interesse pelo pensamento gramsciano. Em outubro de 1989 - há mais de um ano, portanto - John M. Cammett preparou uma lista de títulos de trabalhos sobre Gramsci publicados em vários países (entre os quais o Brasil) e chegou a arrolar seis mil títulos!